

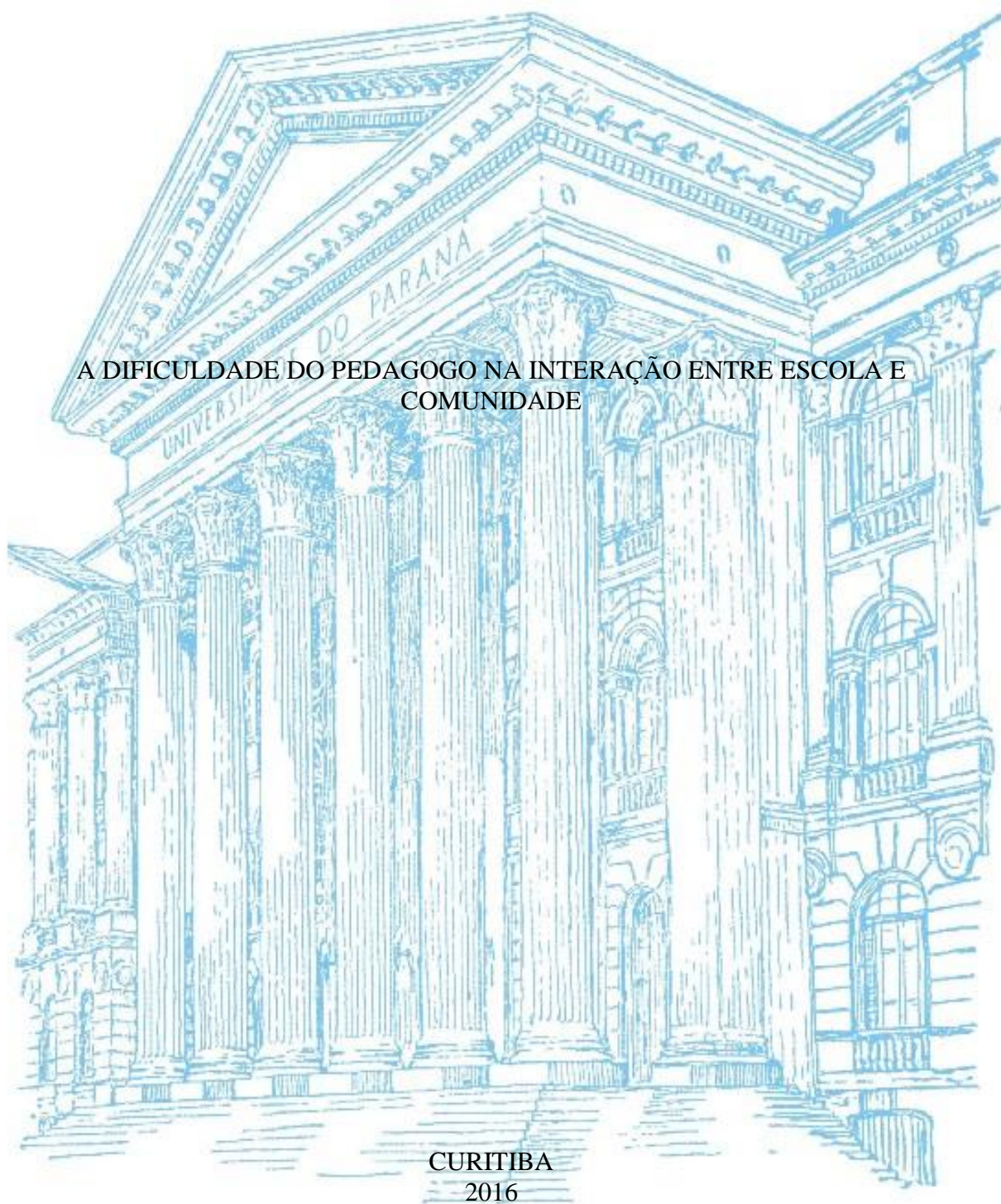
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

RAFAEL AMORIM SILVEIRA

A DIFICULDADE DO PEDAGOGO NA INTERAÇÃO ENTRE ESCOLA E
COMUNIDADE

CURITIBA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

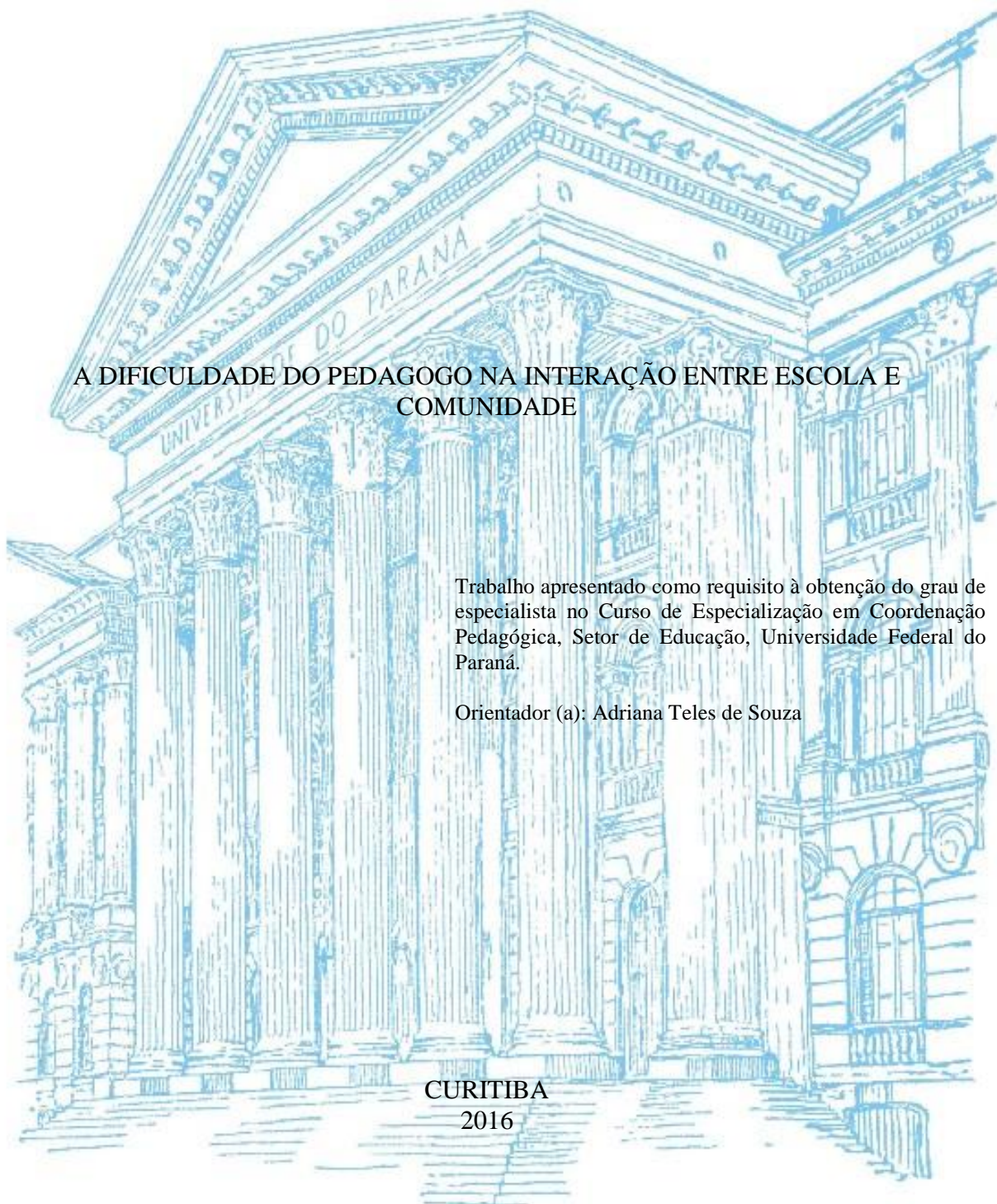
RAFAEL AMORIM SILVEIRA

A DIFICULDADE DO PEDAGOGO NA INTERAÇÃO ENTRE ESCOLA E
COMUNIDADE

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de
especialista no Curso de Especialização em Coordenação
Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do
Paraná.

Orientador (a): Adriana Teles de Souza

CURITIBA
2016



A DIFICULDADE DO PEDAGOGO NA INTERAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

RAFAEL AMORIM SILVEIRA*

RESUMO

A família é a primeira mediadora entre homem e a cultura, ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e da construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais e particulares. A escolha pelo tema deste projeto se deu através da problemática envolvendo a ausência dos pais na escola. Há um consenso na literatura de que o papel do coordenador pedagógico é desenvolver e articular ações pedagógicas que viabilizem a qualidade no desempenho do processo ensino-aprendizagem. Com a pesquisa nos permitiu concluir, que as vantagens do envolvimento parental na vida escolar dos seus educandos são fundamentais para qualquer um envolvido nesta relação, sejam estes pais, professores, alunos ou comunidade educativa. A escola apresenta-se, agora, como um espaço de troca de experiências significativas resultantes da participação dos docentes, da liderança escolar, da família e da comunidade em que ela se encontra inserida. Através dos resultados estatísticos foi fácil perceber que os pais adquirem uma postura consciente no que diz respeito a sua participação na vida escolar de seu filho. Uma vez que não é suficiente ter apenas a opinião dos pais no que se refere a esta problemática, concluímos que, os alunos que recebem mais apoio por parte da família são aqueles que manifestam um melhor desempenho e aproveitamento escolar.

Palavras-chaves: Família, Docente, Coordenador Pedagógico.

*Artigo produzido pela aluno Rafael Amorim Silveira do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Adriana Teles de Souza. E-mail: raffa.amorim@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A família é a primeira mediadora entre homem e a cultura, ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e da construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais e particulares.

A intervenção dos pais na educação dos filhos é indiscutivelmente essencial. Dar apoio e cuidados adequados ao filho é uma responsabilidade bastante exigente. Muitas vezes, os pais estão preocupados e envolvidos com os outros problemas (profissionais, pessoais, económicos, financeiros) que se esquece de dar atenção aos seus filhos, o que leva muitas vezes a um afastamento entre pais e filhos, e é precisamente isso que não se quer.

Na escola existe todo um conjunto de professores capazes de poder ajudar e acompanhar não só os alunos como também os encarregados de educação, podendo neste caso, dar pistas educativas, com vista a que os pais possam e consigam perceber as dificuldades e lacunas a preencher nas mais variadas disciplinas. Tudo isto tornaria a relação entre escola-família um pouco mais próxima e promotora de uma saudável construção relacional.

Consideramos fundamental nos dias de hoje, e com a constante evolução da sociedade que as escolas devam acima de tudo ser promotoras de políticas/estratégias que promovam uma maior aproximação dos pais à escola.

Quando falamos na necessidade da relação entre família e escola, falamos principalmente na possibilidade de partilhar critérios educativos para que possam minimizar as possíveis diferenças entre os dois ambientes. Para o aluno, é muito mais produtivo que os ambientes tenham idéias parecidas sobre educação. O crescimento harmonioso do aluno deve permear a colaboração entre as duas instâncias, família e escola, de forma que possa contribuir.

Buscar meios para que a família possa criar o hábito de participar da vida escolar dos seus filhos, percebendo o quanto a família é importante no processo Ensino Aprendizagem do aluno, através de ações previstas no Projeto Político Pedagógico, propor alteração no Projeto Político Pedagógico com o intuito de melhorar o processo ensino aprendizagem, despertar as famílias, fazendo com

que possam perceber a importância da participação nas atividades escolares dos filhos, promover atividades que permitam o envolvimento das famílias, criar momentos de integração entre pais, alunos e comunidade escolar, mostrando-lhes o quanto eles são importantes na vida escolar de seus filhos.

Ao longo do tempo, a relação escola-família foi sofrendo algumas transformações, evoluindo de uma relação assimétrica, onde era atribuído um maior poder à escola e um papel mais passivo aos pais, para uma relação mais simétrica, de maior proximidade e onde a colaboração estreita entre família e escola é desejável (Diogo, 1998, p.20).

Diante destes acontecimentos pais reagem protegendo excessivamente seus filhos. Hoje a realidade da família atual, pais que passam pouco tempo com os filhos e esta nova configuração da família acaba atribuindo a escola o papel de educar. Contudo, a educação precisa acontecer no contexto familiar é aí que os conceitos e valores são transmitidos de pais para filhos. Cabendo a escola ampliar essas ações iniciadas na família.

Educar é um processo global se pensarmos em educar para a vida. Educar para o pedagógico é sim tarefa de ambas, escola e família. A verdade é que a escola não conseguirá sozinha, levar adiante a responsabilidade de educar e ensinar ao mesmo tempo, uma vez que, claramente as tarefas são divididas; a escola ensina; a família educa.

A escola é um ambiente privilegiado de aprendizagem, todo o processo de formação passa por esse ambiente da escola, e esta precisa passar por mudanças, transformações, evoluções tecnológicas para atender a velocidade das mudanças da realidade do hoje.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre a aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular. (DURKHEIME, 2011, p. 53 citado por SOUZA, 2012).

A educação é sempre um processo social e a escola deve estar preparada para despertar na família e nos alunos a confiança necessária para que o trabalho pedagógico possa desenvolver sem confronto e estimular a busca pelo conhecimento embasado numa relação mutua de confiança e parceria família-aluno e escola-professor, com o foco sempre no bem-estar da criança/adolescente, tanto

no espaço educacional ou fora dele, ainda que pais e professores se constituam como mediadores entre sociedade e indivíduo, cada qual tomado isoladamente nunca é produto da ação de um único educador. Em cada um de nós subsistem dois seres.

Família e escola possuem funções semelhantes e próximas, a parceria desses dois sistemas é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros desses sistemas e que se resumiriam sinteticamente no trinômio proteger-educar-dar autonomia, podem permanecer no espaço da troca e da complementariedade, quando se refere ao respeito pelas diferenças e semelhanças que se somam em que uma não anula a outra, sem cair na armadilha do espaço de disputa, buscando acertos e erros.

O estudo tem por objetivo identificar a dificuldade encontrada pela coordenação pedagógica sobre a qualidade das relações da comunidade escolar, no trato com os educandos, entre os educadores e a comunidade escolar, em estar propiciando a interação da família desse aluno a estar participando das atividades envolvendo na vida escolar do seu filho dentro da escola. Tornam-se indispensáveis ao coordenador uma boa comunicação, expressar de forma clara e objetiva se fazendo entender facilmente, já que este deve ser um mediador das relações interpessoais e pedagógicas na escola. Com o objetivo de analisar as ações do Coordenador Pedagógico, junto à comunidade escolar, visando à integração da família e a escola.

A escolha pelo tema deste projeto se deu através da problemática envolvendo a ausência dos pais na escola. Percebe-se que tal problemática envolve não só a família, mas todos os segmentos da escola, isto é, alunos, pais, professores, gestores, e o próprio coordenador pedagógico e demais profissionais envolvidos com a comunidade escolar, pode-se elencar alguns elementos articuladores para que seja trabalhada com a comunidade escolar com a tentativa de minimizar essa ausência, tais como: as relações interpessoais e sua influência no cotidiano escolar; a coordenação pedagógica seu papel no contexto escolar e a formação em serviço. A ferramenta de investigação utilizada no estudo é a entrevista por questionário.

2 Breve Histórico da Coordenação Pedagógica

O reconhecimento da coordenação pedagógica como um cargo na estrutura funcional e administrativa da escola como parte de sua organização formal é recente. A partir do momento em que se formaram os sistemas escolares, mesmo sem a instituição do cargo de coordenador pedagógico, as atribuições inerentes a este profissional já vinham sendo exercidas com outras nomenclaturas.

Conforme Foucault (1987), na Idade Média, a pessoa encarregada das atribuições correspondentes àquelas próprias dos coordenadores pedagógicos exercia, especificamente, a função de vigilância. A vigilância das instituições de ensino estavam a cargo da Igreja, e inicialmente era exercida pelos Bispos e, posteriormente, por pessoas indicadas, pelas autoridades eclesiásticas.

As relações de poder eram construídas com base na disciplina imposta pela autoridade dos professores da época, geralmente, membros da própria Igreja. O contexto social da época era de moralismo e punição à qualquer manifestação dos alunos, principalmente ligadas à sexualidade tais como as manifestações de afetividade entre alunos, atos obscenos e masturbação. A arquitetura das escolas valorizada as formas arredondadas com paredes e janelas muito próximas para facilitar a vigilância dos alunos, que era feita por um inspetor muito próximo dos professores membros da igreja.

A idéia era controlar os alunos, vigiar e punir de acordo com as normas estabelecidas pela escola. Conforme Foucault (1987, p. 41) o entendimento era de que: “a disciplina produz docilidade e eficiência, servindo-se da domesticação e da moralização. Não basta punir, é preciso vigiar, corrigir, reeducar, organizando o tempo e o espaço e formulando novas técnicas de vigilância”.

Contudo, é na Idade Moderna que se encontram as raízes da supervisão, exercida pelo cidadão através de comissões. Surgem no século XIII às escolas municipais de nível elementares, as primeiras escolas que fazem parte de um sistema de ensino.

Conforme Alves (apud VALÉRIEN, 1993), entre os séculos, XVII e XIX, a supervisão é considerada apenas como inspeção, geralmente realizada por leigos. O supervisor era chamado de inspetor e suas funções eram mais de julgar do que propriamente executar.

No Brasil, em 1827, quando foram instituídas as escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugares bastante populosos, ainda prevalecia o modelo de inspeção baseada na vigilância e punição dos alunos.

Já no início do século XX, a supervisão no Brasil limitava-se a função de fiscalizar a matrícula dos alunos, as condições do prédio, a assiduidade do professor, dentre outros aspectos rotineiros do cotidiano escolar. Em alguns regulamentos previam-se os deveres técnico-pedagógico, em que o supervisor devia dar aulas-modelo e aconselhar o professor para que realizasse, com mais êxito a sua tarefa (ALVES apud VALÉRIEN, 1993).

Já a prática da Orientação Educacional nas escolas brasileiras, de maneira intencional e sistemática, começou na década de 30. Ela chegou às escolas e nos organizadores de classe por impulso empresarial. Nessa época, a Orientação educacional tinha um suporte teórico que valorizava a estrutura organizacional e o funcionamento da escola, tratando com indiferença a totalidade da vida do educando. Dessa forma, todo e qualquer assunto que dissesse respeito aos alunos se reduzia à identificação de problemas disciplinares e aplicações de punições.

Conforme Pimenta (2000), o reconhecimento da supervisão escolar no Brasil inicia formalmente com o Parecer nº 252/69, emitido pelo Conselho Federal de Educação (CFE) paralelamente à administração escolar e orientação educacional. A partir daí as escolas começaram a formar quantidades cada vez maiores de especialistas em educação que seriam absorvidos pelo mercado de trabalho. Nessa perspectiva de fiscalizar o trabalho dos professores e dos alunos, os supervisores e orientadores tinham algumas ações pouco distintas, mas que muitas vezes se completavam.

A partir de um resumo das idéias de Pimenta (2000), pode-se desenhar um mapa evolutivo da coordenação pedagógica desde os seus primórdios até o contexto de suas atribuições na atualidade.

Portanto, na transição da década de 60 para 70, as funções específicas do supervisor eram: Auxiliar na aplicação das atividades docentes com o objetivo de manter os padrões de desempenho pré-definidos; Acompanhar e avaliar o currículo; Controlar o desempenho dos docentes; Avaliar o resultado do processo ensino-aprendizagem; Constatar e avaliar dados referentes à produtividade do corpo docente.

Já a função do Orientador Pedagógico era trocar idéias com os professores e com o supervisor escolar que apontassem as causas determinantes do baixo rendimento escolar dos alunos. Também promoviam as atividades de integração entre escola e comunidade, organizar arquivos de dados pessoais de alunos, necessários a orientação educacional e caracterizar o desempenho dos docentes, na parte específica de participação no processo de orientação educacional. Nessa época já se verifica uma preocupação com o processo da adaptação do aluno, procurando seu ajuste pessoal e social.

Conforme Pimenta (2000), na mesma vertente os administradores das escolas, exerciam as suas funções voltadas para a melhoria do processo de aprendizagem dos alunos, ainda que a base teórica ainda estivesse voltada totalmente para a realidade da escola brasileira. Ou seja, os modelos de organização e administração eram importados de outros países e adaptados de empresas para a escola.

Sendo assim, as principais funções do administrador estavam voltadas para o controle do livro de matrículas dos alunos e também para o livro-ponto dos docentes, administração do patrimônio escolar e para o controle das finanças da escola. Os administradores escolares também cuidavam dos registros no livro de atas as reuniões sociais, relatórios de festas escolares, responsabilizando-se por eles.

Conforme Libâneo (2003) foi na década de 80 que a escola passou a sentir de forma mais sensível às mudanças ocorridas na sociedade, tais como a abertura política, o início da luta contra o analfabetismo no Brasil e os reflexos da globalização dentre outras transformações que exigiam da escola uma postura mais crítica e especializações. De um modo geral, a escola estava sendo requisitada a repensar a sua função social, o papel de seus profissionais, bem como a sua prática e o fazer pedagógico.

Diante disso, os pressupostos da formação contínua dos profissionais da educação já começam a ser erguidos, valorizando a necessidade de especialização de professores, coordenadores pedagógicos e diretores. As bases da formação contínua se fortaleceram com a edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996).

3 O Papel Do Coordenador Pedagógico

Há um consenso na literatura de que o papel do coordenador pedagógico é desenvolver e articular ações pedagógicas que viabilizem a qualidade no desempenho do processo ensino-aprendizagem. Portanto, o caráter articulador remete ao diálogo, trocas e interações entre o coordenador pedagógico e os demais atores da escola, sobretudo os professores.

Sobressai-se, dessa forma, o caráter de orientador das práticas do professor, supervisionando, auxiliando e estimulando a adotar novas estratégias e metodologias de ensino que auxiliem no processo ensino-aprendizagem.

No entanto, para o coordenador pedagógico “esforça-se por unir, desafiar e fabricar, com fios separados e heterogêneos, um tecido escolar, comunitário e social, coerente e unido, em meios de conflitos, oposições, negociações e acordos.” (ROSSI, 2006, p. 68).

Portanto, a atuação do coordenador pedagógico transcende os limites da orientação ao professor diante da complexidade do processo de ensino e de aprendizagem. O próprio ambiente escolar é uma mescla de culturas diferentes, de realidades econômicas, sociais, políticas, relações grupais, características individuais, relações interpessoais e de poder, elementos esses que se transformam em variáveis muito presentes no cotidiano da escola.

Para a Agência de Certificação Profissional da Fundação Luis Eduardo Magalhães (2006), que ministra cursos de especialização para a formação de profissionais da educação:

O grau de intensidade das atividades do Coordenador Pedagógico depende dos tipos de atividades desenvolvidas; dos grupos articulados por ele; das atribuições específicas dos profissionais e sujeitos que integram esses grupos; da definição de prioridades e objetivos; da distribuição de responsabilidades convencionadas pela organização e pelos variados grupos, em diferentes momentos e situações; dentre outros fatores (FUNDAÇÃO LUIS EDUARDO MAGALHÃES, 2006, p. 1).

Dessa forma, é o coordenador pedagógico quem faz a análise e a avaliação diagnóstica do processo ensino-aprendizagem, articulando-se com todos os atores envolvidos na escola em busca de uma solução coletiva para os problemas a serem enfrentados. De acordo com Vicentini et al (2006), uma tarefa que lhe exige conhecimentos específicos voltados para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, para o desenvolvimento e a implantação da Proposta Pedagógica e

do Currículo Escolar e de Programas Educacionais, com foco em conhecimentos e atitudes.

Não obstante, o coordenador pedagógico também auxilia no crescimento profissional e a formação continuada dos educadores, além do desenvolvimento de recursos pedagógicos mais apropriados para o desenvolvimento dos alunos. Dentre os gestores, pais e comunidade escolar a relação também é dialógica, de busca de parcerias e envolvimento nos projetos da escola.

Dentre as competências do coordenador pedagógico mencionadas pela Fundação Luis Eduardo Magalhães (2006) e endossadas Por Vicentini et al (2006), destacam-se: Compreender fenômenos naturais de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas através de bases teóricas do processo ensino-aprendizagem; Selecionar, organizar, relacionar, interpretar, tomar decisões e enfrentar situações-problema; Relacionar e argumentar: coordenar pontos de vista, defender ou criticar uma hipótese ou afirmação; Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de proposta e intervenção participativa na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Com base nessas competências, destacam-se os traços mais relevantes que compõem o perfil profissional do coordenador pedagógico, embora a realidade em que cada um esteja inserido seja determinante para o modo de atuação em resposta às necessidades refletidas por essa realidade.

No entanto, ao rever a literatura que subsidia este estudo, pode-se dividir o campo de atuação do coordenador pedagógico em quatro grandes grupos: o planejamento da ação pedagógica, a orientação e articulação com o professor, o assessoramento técnico à gestão escolar e a análise global da escola.

No contexto geral, esses quatro tópicos focalizam a atuação do coordenador pedagógico no atendimento às necessidades de aprendizagem dos alunos, no aperfeiçoamento contínuo dos professores, na contextualização e articulação das várias áreas do conhecimento e nos objetivos de ensino traduzidos em competências e habilidades.

4 Relação Escola Comunidade

O termo *família* é derivado do latim *famulus*, que significa “escravo doméstico”. Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao ser introduzido à agricultura e também escravidão legalizada. No direito romano clássico a “família natural” cresce de importância, esta família é baseada no casamento e no vínculo de sangue.

A família tem vindo a ser transformada através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas. Esta é um espaço sócio-cultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído. Por outro lado, nas palavras de

Defende que a afetividade é um forte elemento na base de trocas parentais e constitui talvez, mais do que a causa, a sua legitimação ideal (...) que se baseia agora a continuidade das gerações de pertença a uma parentela comum. Desde o dia em que nascem, as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, atitudes e ações. Ao tentar compreender e respeitar a família de cada uma delas, é fundamental encorajá-las a verem-se, a si próprias e aos outros, como sendo pessoas de valor e membros participantes da sociedade. (SACARENO, 1992, p.73).

A função que a família desempenha, não só não é nada fácil como deve ser exigida a responsabilidade a todos os que convivem com a(s) criança(s), desde os pais, irmãos, outros familiares, aos adultos que a rodeia, papel esse que a maior parte das vezes, as famílias não estão preparadas para exercê-lo.

O território da família é invadido pelo sistema escolar, preocupando-se cada vez mais com o desenvolvimento da criança em domínios que não apenas o cognitivo e cada vez mais deixa uma menor margem de intervenção familiar, como por exemplo, às escolhas da criança no domínio da atividade profissional, uma vez que os projetos profissionais que os pais idealizam para os seus filhos são frequentemente contrariados pelo sistema escolar.

Fica evidente a necessidade das famílias em receber ajuda de instituições adequadas, através de programas de informação e de formação, para as ajudar na formação de hábitos, no desenvolvimento de atitudes que preparem favoravelmente a criança para a aprendizagem escolar e a apoiem ao longo da sua escolaridade.

A organização de atividades que asseguram a relação entre escola e comunidade.

Implica ações que envolvem a escola e suas relações externas, tais como os níveis superiores de gestão do sistema escolar, os pais, as organizações políticas e comunitárias, as cidades e os equipamentos urbanos. O objetivo dessas atividades é buscar as possibilidades de cooperação e de apoio,

oferecidas pelas diferentes instituições, que contribuam para o aprimoramento do trabalho da escola, isto é, para as atividades de ensino e de educação dos alunos. Espera-se especialmente, que os pais atuem na gestão escolar mediante canais de participação bem definidos. (LIBÂNEO, 2003, p.348-349)

Assim, podemos entender que a participação efetiva da comunidade na escola é uma responsabilidade da escola. Essa participação traz, sem dúvidas, inúmeras vantagens, porém reconhece-se que há inúmeros obstáculos em relação a tal participação. Mesmo assim, a escola não deve desistir, pois essa participação deve ser entendida como uma questão política, que auxilia na construção da cidadania. Um bom começo para efetivas mudanças no padrão de participação da comunidade é, por exemplo, um incentivo e a implantação dos conselhos escolares que devem atuar de maneira ativa e autônoma.

5 O Espaço e a Participação dos Pais na Vida da Escola

A escola é uma instituição onde se realiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.

A escola deve contribuir no desenvolvimento da personalidade, na formação de carácter e de cidadania do educando, deve assegurar a sua formação cívica e moral, assegurar o direito à diferença, desenvolver a capacidade para o trabalho e proporcionar uma sólida formação geral e uma formação específica para a ocupação de um justo lugar na vida ativa, que permita ao aluno ter uma participação ativa no progresso da sociedade de acordo com os seus interesses. A escola tem como dever assegurar a igualdade de oportunidades para ambos os sexos, através da orientação escolar e profissional, e sensibilizar, para o efeito, o conjunto dos intervenientes no processo educativo.

O sistema escolar proporciona um ambiente multicultural que engloba a construção de laços afetivos entre os professores e alunos e prepara-os para a inserção na sociedade. (Oliveira, 2000). Todo o comportamento envolve integração feita a partir das interações que cada indivíduo estabelece com o meio envolvente desde a sua nascença. O crescimento é um processo contínuo que passa por várias vivências de desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Durkheim (cit. por Pires;

Fernandes e Formosinho, 1991) a escola socializa os indivíduos no sentido de lhes proporcionar a sua devida integração na sociedade. Atualmente são identificados diversos modelos de dinâmica da escola, onde a sua ação pode ser determinada segundo o seu maior papel de reprodução, interação e comunicação entre os vários protagonistas do processo educativo, como forma de minimizar o poder institucional.

A educação constitui um dos componentes fundamentais do processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo em vista a integração plena no seu ambiente. A escola não deveria viver sem a família nem a família deveria viver sem a escola. Uma depende da outra, na tentativa de alcançar um maior objetivo, qualquer um que seja, porque um melhor futuro para os alunos é, automaticamente, para toda a sociedade.

Sabe-se que em geral, da pouca participação que os pais exercem na determinação do que acontece na escola. Algumas vezes teme-se a participação de certos pais que, sendo muito presente e de temperamento forte, tentam impor sua vontade sobre procedimentos escolares e que muitas vezes funcionariam mais para “facilitar” sua própria vida, ou de seus filhos, do que para melhorar a qualidade do ensino, conforme percebido por gestores e professores. Em vista disso, muitas vezes, os dirigentes escolares não apenas deixam de ouvir os pais, como até evitam fazê-lo, e de dar espaço para a participação familiar. É possível que ajam dessa forma também por terem receio de perder espaço e autoridade.

A escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva que deverá existir a 100% em casa. É na escola que se deve conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Na escola deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo. É de extrema importância o estudo da relação família/escola, onde o educador/professor se esmera em considerar o educando, não perdendo de vista a globalidade da pessoa, percebendo que, o jovem, quando ingressa na rede escolar, não deixa de ser filho, irmão, amigo, etc.

A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola. “A Relação entre a Escola e a Família tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de

atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos de políticos, da divulgação de projetos de investigação e de nova legislação”. Ainda na perspectiva do mesmo autor acima referido:

O desenvolvimento da criança deve ser compreendido de forma holística e a compreensão das diferenças individuais no desenvolvimento saudável e patológico implica a consideração das transações que ocorrem ao longo do tempo entre indivíduo e contextos sociais e ecológicos. Segundo esta autora o contexto é constituído por diferentes níveis, uns mais próximos e outros mais distantes, que sofrem influências múltiplas entre si. PEREIRA (2008, p.27).

Não existe uma única forma correta de envolver os pais. As escolas devem procurar oferecer opções variadas que se adapte às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogénea. “A intensidade do contato é importante e deve incluir reuniões gerais e o recurso à comunidade escrita, mas, sobretudo os encontros a dois. Intensidade e diversidade parecem ser as características mais marcantes dos programas eficazes” (Marques, 2001, p.20).

“Desta forma e nas palavras de Marques (citado por Villas-Boas, 2001, p.119), parece caber à escola dar o primeiro passo no sentido de preencher a lacuna existente em termos de comunicação “positiva” não só entre a escola e a família, mas também entre estas e a comunidade, mas esta comunicação não deverá fazer-se num sentido único, sendo desta forma fundamental que os professores sintam necessidade de “ouvirem os pais e partilharem com eles algum poder de decisão”.

Sabemos que as políticas educativas têm vindo a esforçar-se no sentido de criar legislação que apoie o envolvimento das famílias na vida escolar dos seus filhos, o que poderá ser o principal passo para sensibilizar pais e professores para a importância da relação entre a escola e a família.

Segundo Sampaio, (1996) os pais, atualmente, estão extremamente ocupados, e não têm “tempo” para dar atenção aos filhos, acabando muitas vezes por se esquecerem de que a escola não pode educar sem o apoio dos pais/ encarregados de educação e precisa da ajuda e participação/ cooperação da família para auxiliar os alunos superar as suas dificuldades e, assim, evoluir de forma saudável.

Poder-se-á afirmar que, a colaboração intrínseca é possível, se a escola abrir as suas portas à família e à comunidade, dando-lhes espaço e oportunidade, fazendo-os sentir elementos cooperantes e dignificadores dentro da mesma e que ao participarem/envolverem estarão a zelar pelos seus interesses e dos seus filhos

(e de alguma forma contribuir para uma melhor sociedade). Com isso, cria um envolvimento efetivo entre a escola e a família, de modo a haver um maior conhecimento, compreensão e acompanhamento. É essencial ajudar a criança, na medida em que o envolvimento parental está diretamente ligado com o desenvolvimento desta, assim, contribuindo com o seu sucesso escolar e social.

A importância da participação ativa da família com a escola tem sido alvo de diversos estudos, tendo em conta fatores como o comportamento dos alunos em sala de aula e os problemas de adaptação. Os autores Platone (1979) e Lima (1991), debruçam-se sobre a inter dependência dos pais na adaptação dos filhos à escola, revelando que não é possível analisar a criança/jovem com adaptação ineficaz fora do contexto familiar e dando ênfase ao distanciamento entre pais e filhos como fator de dificuldade no desempenho e na adaptação.

6 As Relações Interpessoais e sua Influencia no Cotidiano Escolar

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelecem relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

As relações interpessoais são um requisito importante em todo espaço no qual permeiam diversas pessoas, e saber mediar as relações é um fator imprescindível a todo profissional que desempenha um papel de liderança. No âmbito da escola não é diferente, por isso cabe ao coordenador pedagógico, como educador e líder nesse espaço, ter boas relações com todos os segmentos da escola á que “a atuação do coordenador pedagógico se dá no campo da mediação” (VASCONCELLOS p.88 , 2009).

Quando a família, a instituição infantil e a escola se unem, com o objetivo determinado e assumido para ajudar, pedagogicamente os filhos/filhas e os alunos deficientes ou não, exercem um papel fundamental para o desempenho escolar favorável. Esta afirmativa fundamenta-se, no estudo realizado pela UNESCO, em

2009, conjuntamente com o Ministério da Educação e demonstra que essa aproximação favorece a recuperação da singularidade do(a) aluno(a), em um contexto mais amplo.

A escola e a família vivenciam uma parceria para melhorar o conhecimento e a compreensão sobre os filhos e os alunos, conseqüentemente, aumenta a capacidade de comunicação e de adequação das estratégias didáticas, o que aumenta as chances de um trabalho escolar bem sucedido. Vários estudos têm demonstrado positivamente a boa influência do papel da relação entre família e a escola para o desenvolvimento da criança, (ZABALZA, 1998).

Significa que tanto a aprendizagem por recepção quanto a aprendizagem por descoberta podem ser mecânicas ou significativas. Será ou não significativa a aprendizagem resultante de uma tarefa de um aluno, não importa como ele é confrontado com aquilo que vai aprender (se o que vai aprender lhe é proporcionado numa forma acabada ou numa forma por descobrir mais ou menos autonomamente) consoante se verifiquem ou não as duas condições seguintes: que a tarefa de aprendizagem seja potencialmente significativa; e que ele se empenhe psicologicamente de modo ativo na tarefa, de modo a relacionar as novas idéias que já possui na sua estrutura de conhecimento prévia.

Para que a aprendizagem significativa ocorra é preciso entender um processo de modificação do conhecimento, em vez de comportamento em um sentido externo e observável, e reconhecer a importância que os processos mentais têm nesse desenvolvimento.

Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrária e literalmente, então, a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógico e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio.

7 Procedimentos Metodológicos

Os sujeitos da pesquisa são os alunos, pais, professores, gestores, e o próprio coordenador pedagógico e demais profissionais envolvidos com a comunidade escolar. O presente questionário foi respondido por, trinta e oito pessoas que constituíram a amostra. As questões respondidas pelos pais estão relacionada com as questões em análise.

7.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho é um estudo transversal de caráter descritivo, que tem como objetivo descobrir e observar fenômenos existentes, com o intuito de descrevê-los, classificá-los, compará-los, interpretá-los e avaliá-los.

7.2 População Amostra

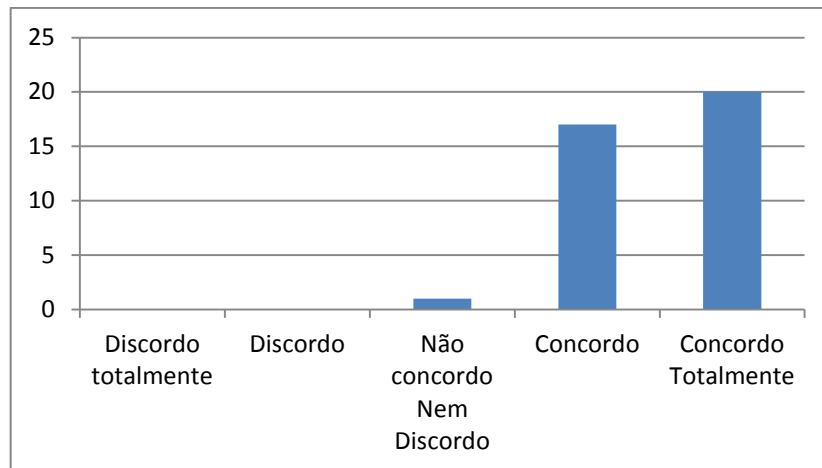
A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Maria da Glória D'Aviz, localizada no município de Loanda – Paraná - Brasil.

7.3 Instrumentos e Procedimentos de Coleta dos Dados

A ferramenta de investigação utilizada no estudo é a entrevista por questionário. A entrevista é possivelmente o método e/ou técnica de investigação qualitativa mais antiga para obter informação das pessoas em todas as situações práticas. São métodos diretos, técnicas de confrontação interpessoal, em que o entrevistador formula ao entrevistado perguntas, com o objetivo de conseguir respostas relacionadas com o problema e objetivos da investigação, mantendo as exigências e procedimentos científicos e éticos.

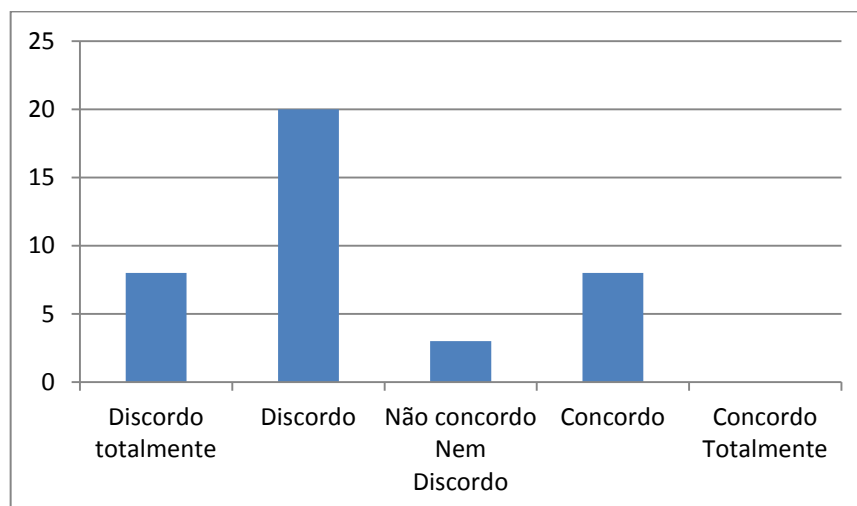
8 Análise dos Dados

1 – Quanto maior for a colaboração entre os pais/encarregados de educação e os professores, maior poderá ser o sucesso dos alunos.



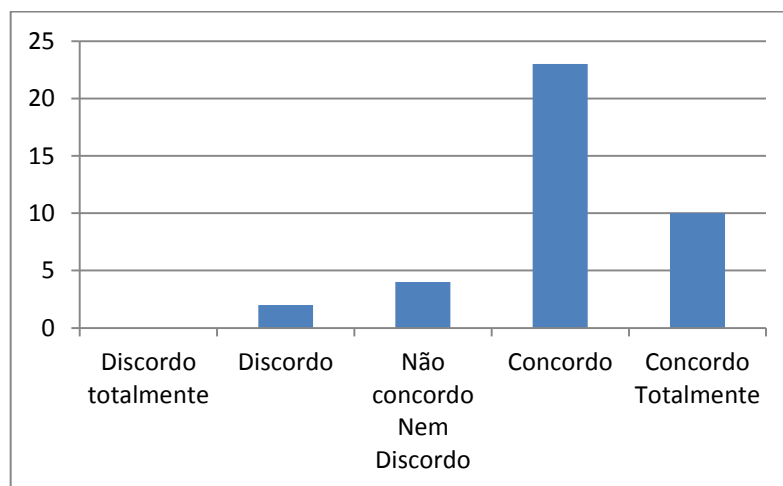
Relativamente à primeira questão, vinte dos entrevistados concordam totalmente que existe uma relação entre a colaboração dos pais e professores, no que diz respeito ao sucesso dos alunos; Dezesete dos mesmos concordam; Um não concorda nem discorda. Enquanto que não houve entrevistados que discordassem totalmente ou apenas discordassem.

2 – Os pais não têm tempo para participar em reuniões, por isso é suficiente uma reunião por ano.



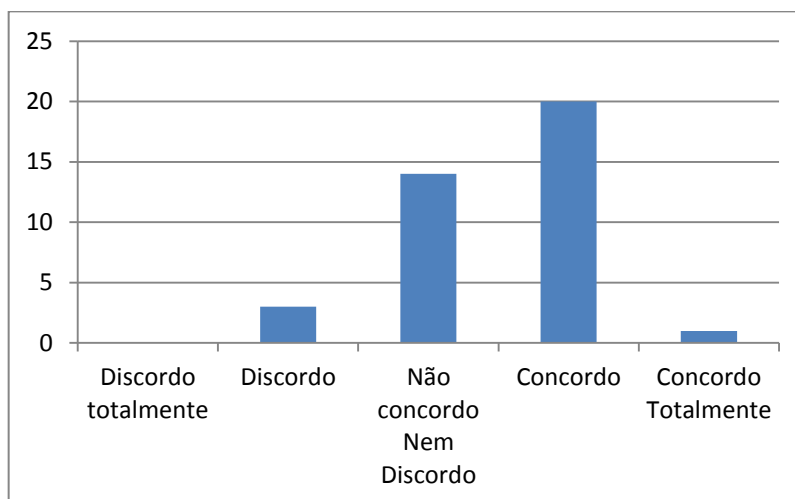
Podemos constatar que a maioria dos entrevistados vinte discorda que os pais não têm tempo para participar de reuniões, sendo por isso suficiente uma reunião por ano; Sendo que oito discordam totalmente; Três não têm opinião e ficou constatado que somente oito dos entrevistados concordam que uma reunião por ano seria necessário devido à falta de tempo.

3 – A forma como se realiza a comunicação escola-família influencia a sua participação, enquanto pais/encarregados de educação.



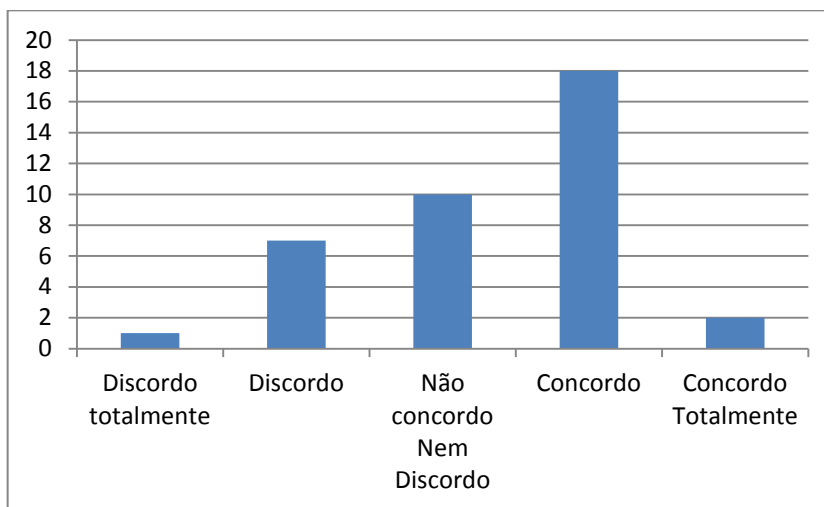
Nesta questão, vinte e três entrevistados são da opinião que a forma como se realiza a comunicação entre escola e família influencia na sua própria participação na escola; Quatro elementos da amostra não têm opinião; Dez concordam totalmente e os restantes (dois) discordam.

4 – As associações de pais possibilitam uma maior ligação à família.



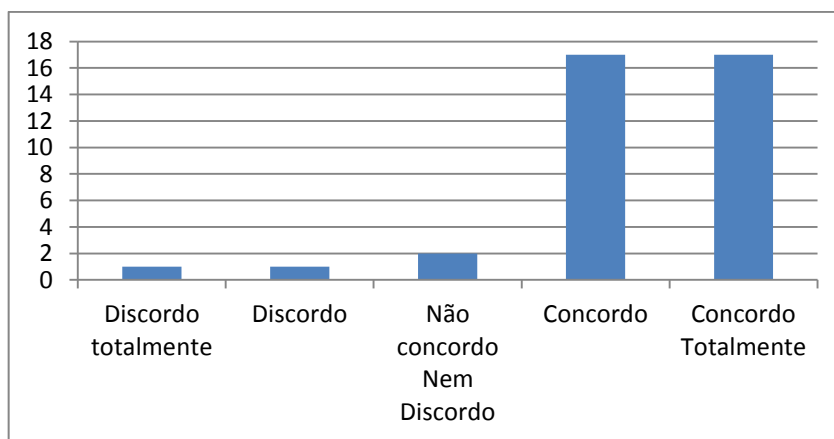
Verificamos que quanto à opinião sobre o facto das associações de pais possibilitarem uma maior ligação à família, vinte dos inquiridos concordaram; Catorze manifestaram-se sem opinião; Três discordaram; Somente um encarregado de educação concordou totalmente.

5– Os pais/ encarregados de educação poderiam apoiar o trabalho pedagógico do professor na sala do seu educando.



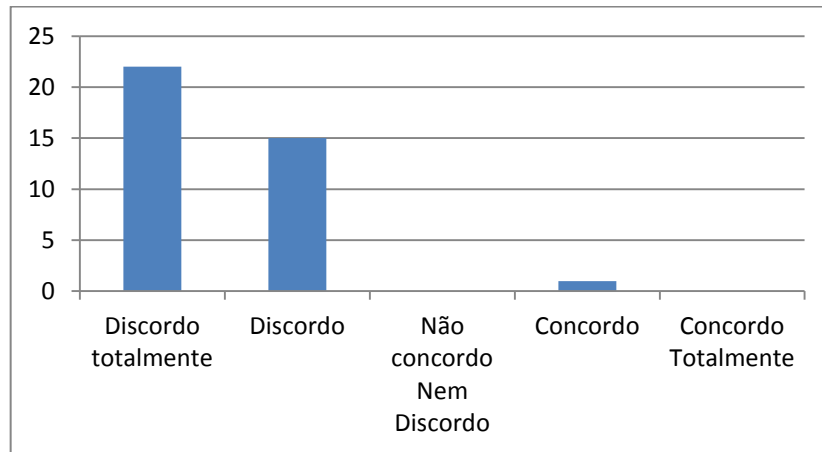
Constatamos que quanto ao fato dos pais/ encarregados de educação poderem apoiar o trabalho pedagógico do professor na sala do seu educando, dezoito responderam que concordavam e dois concordaram totalmente com a afirmação. Dos restantes, dez dos entrevistados mantiveram-se sem opinião; Sete tiveram uma opinião negativa e um discorda totalmente.

6 – A ajuda nos trabalhos de casa e o interesse pelas atividades escolares do seu educado são fatores importantes para uma maior motivação, empenho e interesse do seu educando.



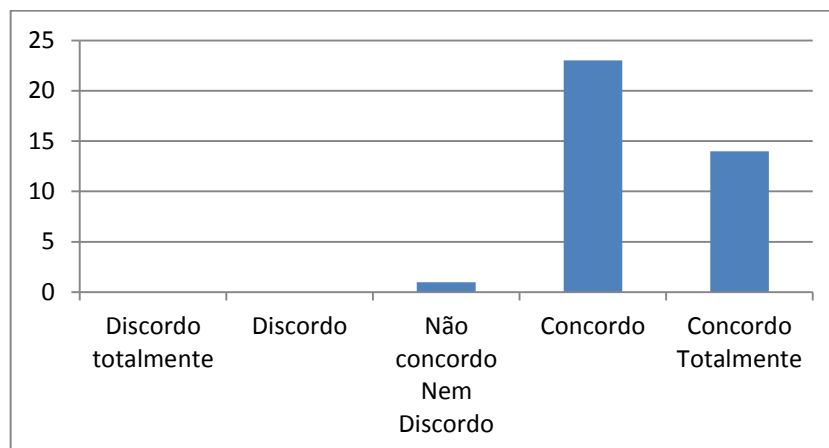
Analisando este gráfico constatamos que dezessete dos inquiridos concordaram totalmente que a ajuda nos trabalhos de casa e o interesse pelas atividades escolares do seu educado são fatores importantes para uma maior motivação, empenho e interesse do educando; O mesmo número de entrevistados concordaram com esta ideia; Dois não concordam, nem discordam e dois discordaram.

7 – A colaboração escola – família não tem qualquer importância no sucesso escolar dos alunos.



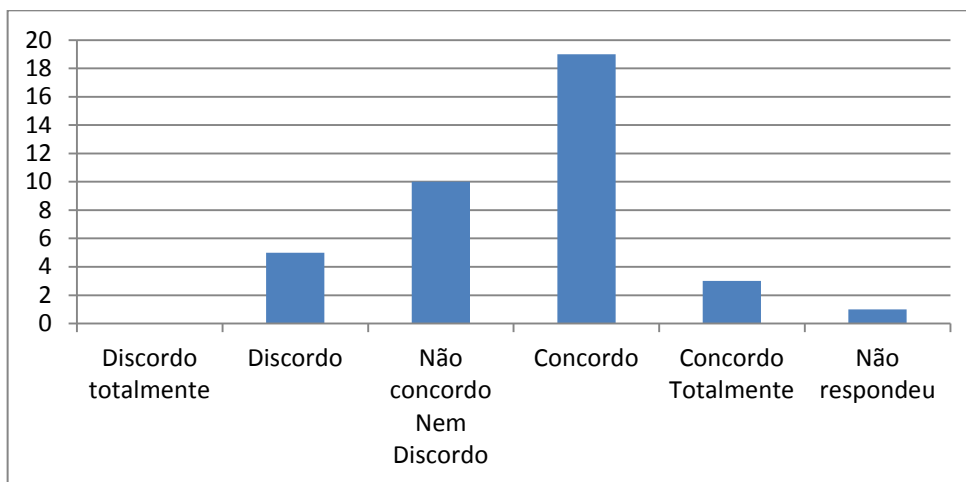
Constatamos que trinta e sete dos encarregados de educação discordam da opinião que a colaboração entre a escola e família não é importante no sucesso escolar dos alunos (estas opiniões estão divididas entre o discordo e discordo totalmente). Apenas um encarregado de educação concordou com a afirmação apresentada.

8 – Todos os alunos podem beneficiar com o envolvimento dos pais/encarregados de educação na vida da escola.



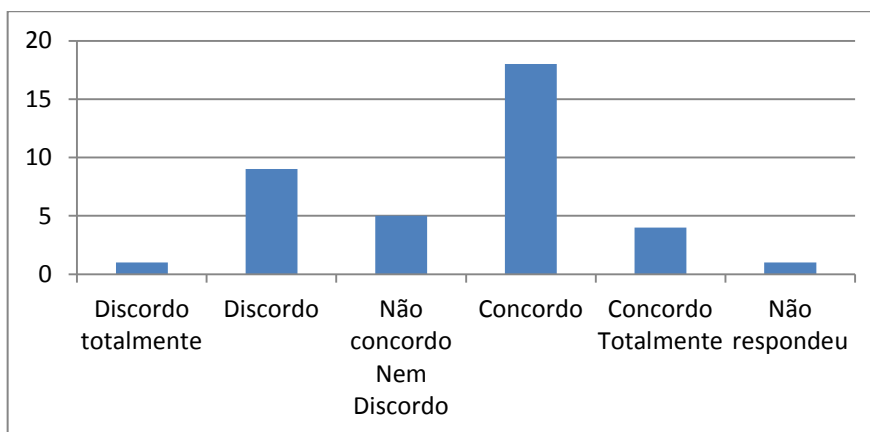
Analisando este gráfico podemos observar que vinte e três dos inquiridos concordam que os alunos beneficiam com o envolvimento dos pais/encarregados de educação na vida da escola; Catorze concordam totalmente no envolvimento pais/escola; Um manteve-se sem opinião.

9 – A escola deveria promover mais reuniões com os pais/encarregados de educação ao longo do ano letivo.



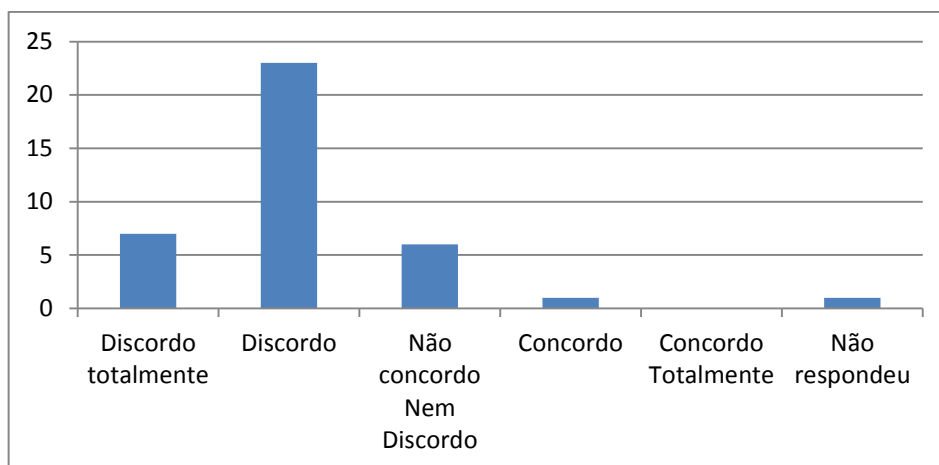
Observamos que dezanove dos encarregados de educação concordam a realização de mais reuniões ao longo do ano letivo; Dez mantiveram-se sem opinião; Cinco discordaram e um não respondeu.

10 – Normalmente os professores chamam os pais/ encarregados de educação à escola quando têm más notícias para lhes dar.



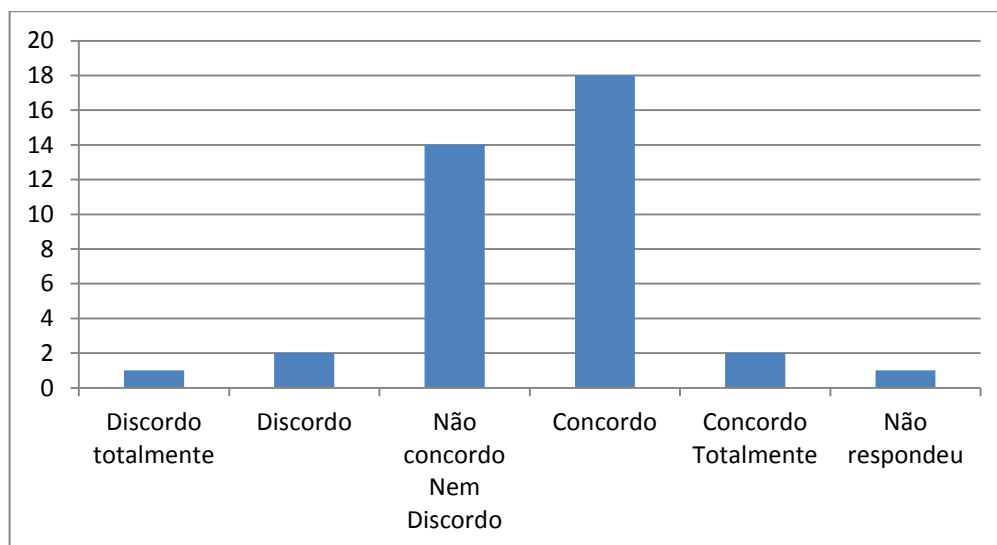
Neste gráfico a maioria (dezoito) concorda que os pais/encarregados de educação são chamados à escola quando existem más notícias; Cinco mantiveram-se sem opinião, no entanto, dez discordaram da afirmação; Um elemento não respondeu.

11 – A colaboração dos pais / encarregados de educação nas atividades da escola tem pouca importância no sucesso escolar dos alunos.



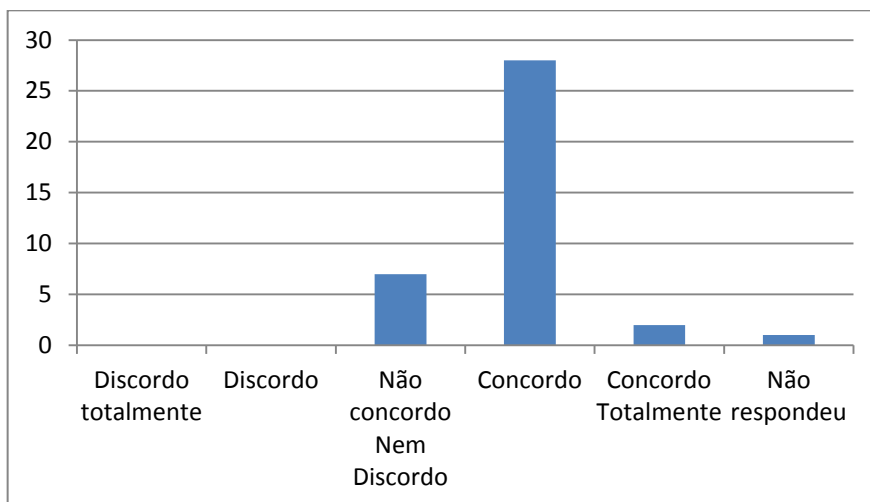
Quanto ao considerarem que a colaboração dos pais / encarregados de educação nas atividades da escola tem pouca importância no sucesso escolar dos alunos, trinta dos entrevistados discordam/discordam totalmente da afirmação; Seis mantiveram-se sem opinião, somente um elemento concordou com essa afirmação; Um não respondeu.

12 – Os horários escolares deveriam ser mais flexíveis de modo a facilitar a ida dos pais/ encarregados de educação à escola.



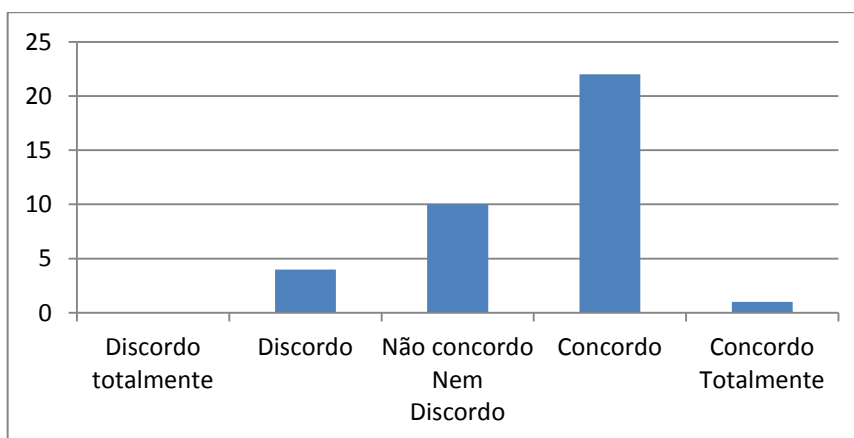
Quanto à afirmação os horários escolares deveriam ser mais flexíveis de modo a facilitar a ida dos pais/ encarregados de educação à escola II, Dezoito entrevistados responderam que concordam e dois concordavam totalmente; Catorze dos encarregados de educação mantiveram-se sem opinião e três discordaram; Um não respondeu.

13 – Os professores apreciam a colaboração dos pais/ encarregados de educação nas atividades da escola.



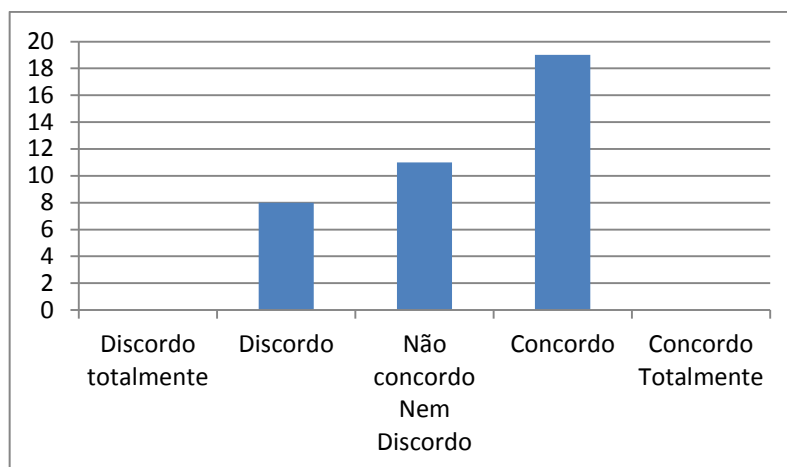
Analisando este gráfico verificamos que os vinte e oito dos inquiridos são da opinião que os professores apreciam a colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades da escola; Dois deles concordam totalmente; Sete manifestaram-se sem opinião e um inquirido não respondeu.

14 – Os pais/ encarregados de educação têm pouca disponibilidade para ir à escola.



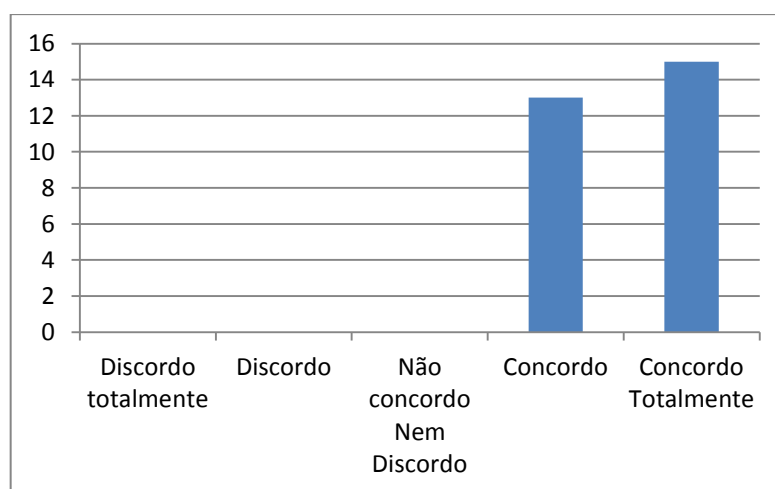
Quanto ao fato da pouca disponibilidade dos pais para se deslocarem à escola verificamos que vinte e dois concordam, sendo que um concorda totalmente; Dez mantiveram-se sem opinião e quatro discordaram.

15 – A escola pede a colaboração dos pais/ encarregados de educação em atividades da turma.



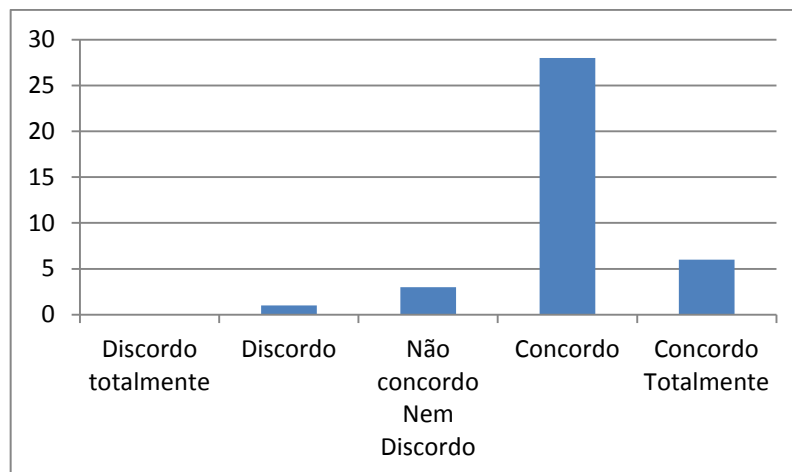
Nesta questão, os pais/encarregados de educação consideram maioritariamente (dezanove) que a escola pede a colaboração em atividades da turma; Onze mantiveram-se sem opinião e oito discordaram.

16 – É fundamental os pais/encarregados de educação questionarem os seus filhos/educandos acerca do seu dia-a-dia na escola.



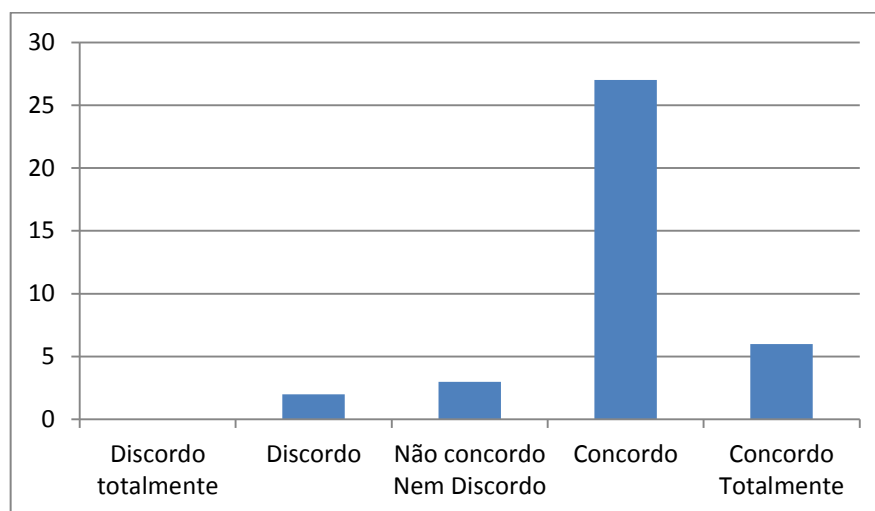
Podemos verificar na análise deste gráfico que a totalidade dos inquiridos concorda com a afirmação (quinze concordam totalmente e treze concordam).

17 – Quando os alunos têm conhecimentos que os pais/encarregados de educação comunicam com os professores mostram mais empenho na escola.



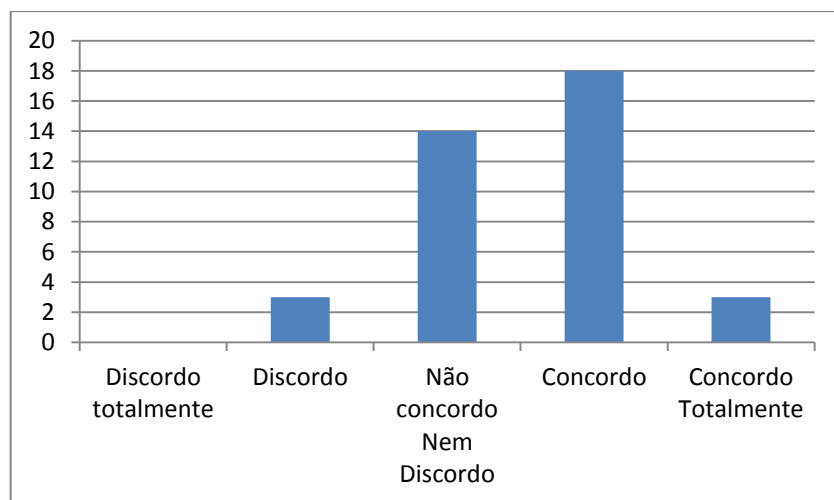
Verificamos que vinte e oito dos entrevistados concordam que quando os pais/encarregados de educação comunicam com os professores o empenho dos seus educandos na escola é mais produtivo; Seis concordam plenamente; Três dos entrevistados não demonstram opinião e apenas um discorda.

18 – Os alunos apresentam melhor comportamento, quando sabem que os pais/encarregados de educação comparecem com frequência na escola.



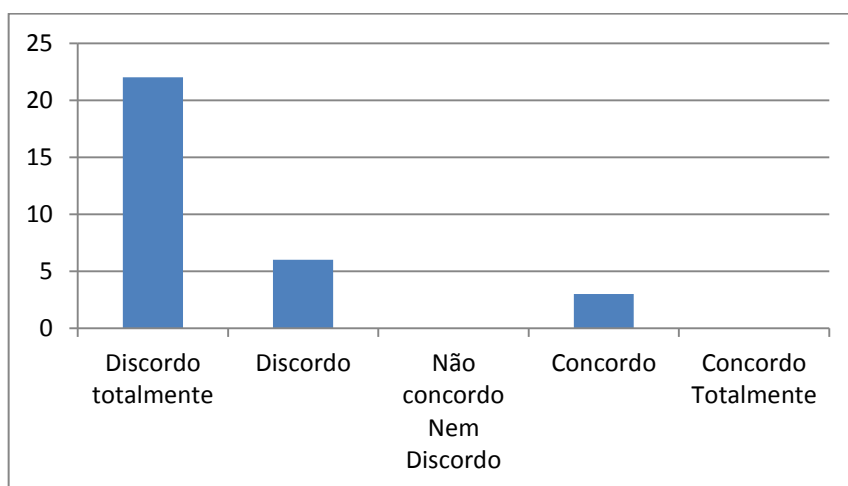
Relativamente à afirmação, vinte e sete dos inquiridos concordam que o comportamento dos alunos melhora com a comparência dos pais/encarregados de educação na escola e seis concordam plenamente; Três não manifestam opinião e dois discordam.

19 – Deveria haver reuniões na escola para ajudar os pais/encarregados de educação a participar de forma ativa na escola.



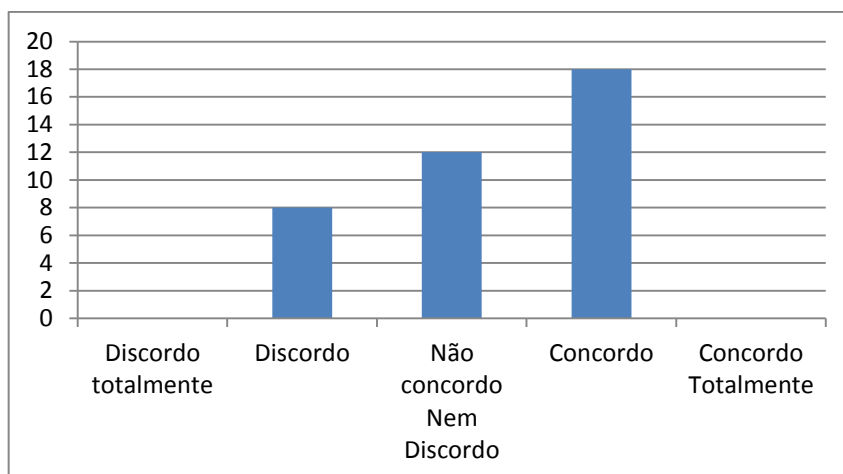
Analizamos que dezoito dos entrevistados concordam que deveria haver mais reuniões para participarem de forma ativa na escola; Três concordam plenamente com esta situação; Catorze revelaram-se sem opinião.

20 – Não é necessário os pais/encarregados de educação conversarem frequentemente com os seus educandos sobre a escola.



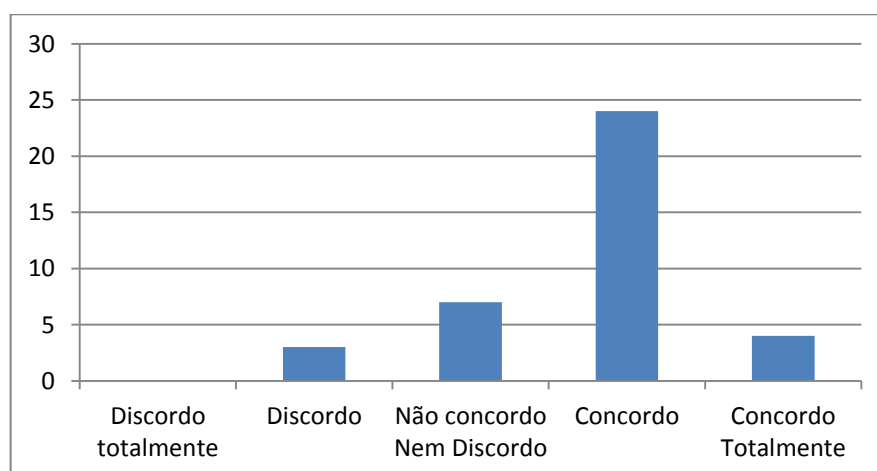
Constatamos que os pais/encarregados de educação discordam totalmente (vinte e dois) da afirmação de que não é necessário que exista comunicação sobre assuntos da escola com os seus educandos, enquanto que seis discordam; E somente três dos pais/encarregados de educação concordaram.

21 – A escola pede a colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades gerais da escola (festas, convívios, visitas de estudo...)



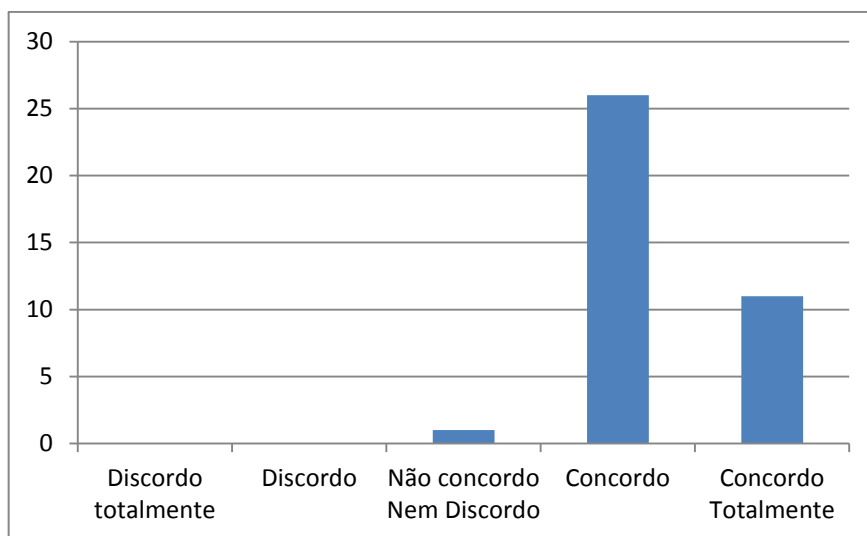
Observámos neste gráfico que dezoito dos inquiridos concordam que a escola pede a colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades gerais da escola (festas, convívios, visitas de estudo...); Doze não concordam nem discorda; Enquanto oito discordam com esta afirmação.

22 – Os pais/encarregados de educação participam nas decisões que a escola toma relativamente aos seus educandos.



No gráfico verificamos que vinte e quatro inquiridos concordam que os pais/encarregados de educação participam nas decisões que a escola toma relativamente aos seus educandos e quatro concordam totalmente; Sete não manifestaram opinião e três discordaram.

23 – A escola informa os pais/encarregados de educação sobre a situação escolar dos alunos.



Neste último gráfico podemos verificar que vinte e seis dos inquiridos consideram que a escola informa os pais/encarregados de educação sobre a situação escolar dos alunos; Onze concordam totalmente; Apenas um inquirido manifestou-se sem opinião.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos gráficos verifica-se que a maioria dos entrevistados encontra-se entre os trinta e um e cinquenta anos e que a grande maioria é do sexo feminino, sendo nove elementos pertencentes ao sexo masculino. Quase todos os pais que responderam ao questionário têm um grau de parentesco com o aluno direto (pai ou mãe) e somente oito tinham outro tipo de relação com o aluno.

Com o objetivo de identificar a dificuldade encontrada pela coordenação pedagógica sobre a qualidade das relações da comunidade escolar, no trato com os educandos, entre os educadores e a comunidade escolar, em estar propiciando a interação da família desse aluno a estar participando das atividades envolvendo na vida escolar do seu filho dentro da escola.

Com a pesquisa nos permitiu concluir, que as vantagens do envolvimento parental na vida escolar dos seus educandos são fundamentais para qualquer um envolvido nesta relação, sejam estes pais, professores, alunos ou comunidade educativa. A escola apresenta-se, agora, como um espaço de troca de experiências significativas resultantes da participação dos docentes, da liderança escolar, da família e da comunidade em que ela se encontra inserida. Tem ainda, assumido um

papel predominante na vida das crianças deixando de ter apenas um papel de instrução para assumir uma vertente educacional no sentido mais amplo, transmitindo valores, regras, apoio familiar e afetividade. Desta forma, torna-se pertinente o estudo da problemática apresentada de forma a conhecer e compreender o nível de participação dos diferentes protagonistas. Sabemos que as famílias podem nelas intervir na dinâmica vivenciada nas escolas. Contudo, é necessário fomentar estratégias de participação e cooperação, de modo a podermos encará-las como agentes ativos no percurso de formação dos alunos.

É importante cativar os pais, em termos de adequação de horários, criação de espaços, destinados às famílias e promover atividades que envolvam os pais na vida escolar dos alunos. Através dos resultados estatísticos foi fácil perceber que os pais adquirem uma postura consciente no que diz respeito a sua participação na vida escolar de seu filho. Considera-se ser de grande importância para os seus alunos a participação ativa na sua educação e quando confrontados com questões variadas, concordam, por exemplo, que o interesse revelado pelos pais contribui de forma positiva para o interesse e empenho das crianças, que é importante comparecer às reuniões escolares, que o aluno manifesta melhor comportamento quando tem conhecimento de que há diálogo entre o professor e os pais, que os professores apreciam a colaboração dos pais, entre outras questões que apontam na mesma direção, isto é, a cooperação é fundamental. Uma vez que não é suficiente ter apenas a opinião dos pais no que se refere a esta problemática, concluímos que, os alunos que recebem mais apoio por parte da família são aqueles que manifestam um melhor desempenho e aproveitamento escolar. No âmbito das atividades desenvolvidas, consideramos que estas cumpriram o seu objetivo primordial. As crianças, não só gostaram da iniciativa, como também demonstraram uma positiva mudança de atitude no que diz respeito ao interesse, motivação e disciplina.

9 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

DIOGO, Ana M., Famílias e escolaridade. Lisboa : Colibri(1998).

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUNDAÇÃO LUIS EDUARDO MAGALHÃES. Agência de Certificação Profissional. Coordenação Pedagógica. Brasília: FLEM, 2006.

PARO, V. **Gestão democrática da escola pública**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. – Brasília: Líber Livro, 2009. 136p.

Lück, Heloísa. **A gestão participativa na escola/** Heloísa Lück. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Série Cadernos de Gestão.

LIBANEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

Oliveira, Z. M. R. (2000). Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica. Caderno do CEDES, 20, 62-77.

PIMENTA, S. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, O. C. A. *As representações de educadores sobre aprendizagem de alunos que recebem acompanhamento da família*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. UFPR. Curitiba. 2006.

VALERIEN, J. Gestão da escola fundamental: subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento. São Paulo: Cortez, 1993.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 11ªed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

ZABALZA, Miguel A. . Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

288 p

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Esta questionário é composto por um conjunto de 23 itens, sobre os quais pode ou não concordar. Para o seu preenchimento correto, basta ler atentamente cada item e assinalar com uma cruz (X) na quadrícula abaixo daquele que é realmente o seu ponto de vista.

Nas suas respostas tenha em conta o seguinte procedimento:

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
			X	

1 – Quanto maior for a colaboração entre os pais/encarregados de educação e os professores, maior poderá ser o sucesso dos alunos.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

2- Os pais não têm tempo para participar em reuniões, por isso é suficiente uma reunião por ano.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

3- A forma como se realiza a comunicação escola-família influencia a sua participação, enquanto pais/encarregados de educação.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

4- As associações de pais possibilitam uma maior ligação da escola à família.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

5- Os pais/encarregados de educação poderiam apoiar o trabalho pedagógico do professor na sala do seu educando.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

6- A ajuda nos trabalhos de casa e o interesse pelas atividades escolares do seu educando são fatores importantes para uma maior motivação, empenho e interesse do seu educando.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

7- A colaboração escola – família não tem qualquer importância no sucesso escolar dos alunos.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

8- Todos os alunos podem beneficiar com o envolvimento dos pais/encarregados de educação na vida escolar.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

9- A escola deveria promover mais reuniões com os pais/encarregados de educação ao longo do ano letivo.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

10- Normalmente os professores chamam os pais/encarregados de educação à escola quando têm más notícias para lhes dar.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

11- A colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades da escola tem pouca importância no sucesso escolar dos alunos.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

12- Os horários escolares deveriam ser mais flexíveis de modo a facilitar a ida dos pais/encarregados de educação à escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

13- Os professores apreciam a colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades da escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

14- Os pais/encarregados de educação têm pouca disponibilidade para ir à escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

15- A escola pede a colaboração dos pais/encarregados de educação em atividades da turma.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

16- É fundamental os pais/encarregados de educação questionarem os seus filhos/educandos acerca do seu dia-a-dia na escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

17- Quando os alunos têm conhecimento que os pais/encarregados de educação comunicam com os professores mostram mais empenho na escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

18- Os alunos apresentam melhor comportamento, quando sabem que os pais/encarregados de educação comparecem com frequência na escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

19- Deveria haver reuniões na escola para ajudar os pais/encarregados de educação a participar de forma ativa na escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

20- Não é necessário os pais/encarregados de educação conversarem frequentemente com os seus educandos sobre a escola.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

21- A escola pede a colaboração dos pais/encarregados de educação nas atividades gerais da escola (festas, convívios, visitas de estudo...).

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

22- Os pais/encarregados de educação participam nas decisões que a escola toma relativamente aos seus educandos.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

23- A escola informa os pais/encarregados de educação sobre a situação escolar dos alunos.

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente